

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 45 jul-dez 2021 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de pintura de Judith Leyster (1609–1660) extraído *Do Livro de Tulipas* (1643). Leyster foi a pintora mais famosa da Idade de Ouro holandesa, tendo alcançado um grau de sucesso artístico raro para uma mulher em sua época. Em 1633, tornou-se a primeira mulher a ser admitida como pintora mestre na prestigiosa Guilda de Pintores de Haarlem, obtendo assim o direito de estabelecer seu próprio ateliê-loja e de assumir alunos.

INDIVÍDUO E COMUNIDADE EM SPINOZA

Daniel Santos da Silva

Universidade Estadual do Paraná, União da Vitória, Brasil

danidani_ss@yahoo.com.br

MATHERON, A. *Indivíduo e comunidade em Spinoza*. Tradução de: Martha de Aratanha, Baptiste Grasse, Emanuel Rocha Frago, Carlos Benevides Gomes e Alex Leite. São Paulo: Editora FGV, 2021.

Em quase nada é expressivo falar de um ápice da filosofia de Espinosa nas Américas Latinas; em primeiro lugar, há um trabalho cotidiano de pessoas que agem sobre instituições, lugares e muros grafitados que tensiona qualquer imagem de ápice entre o minuto anterior e o atual, um trabalho com personalidade e força próprias que, não menos, renova a herança de interpretações sem as quais não teríamos os Espinosas que temos. Em segundo lugar – o que descende desse trabalho cotidiano –, as dinâmicas espinosanas por aqui não hesitam em travar alianças tão rizomáticas e profícuas que sua atividade gera encontros em que diversas perspectivas filosóficas, científicas e existenciais são convocadas e de cujo encontro nascem posturas originais e, não menos, combativas – assim, conforme nos movemos, levamos junto Espinosa.

Se não me cabe falar de ápice, convém, ainda assim, assinalar um momento especial que demonstra a força desses encontros e, a meu ver, realça as potências democráticas que em muitas ocasiões buscamos nas letras de Espinosa: a publicação em português do comentário maior de Alexandre Matheron à obra de Espinosa, *Individu et communauté chez Spinoza*. Quem conhece a obra, sabe de sua grandiosidade (menos pelo calhamaço que é do que por constituir um ponto de inflexão na leitura de Espinosa). A

“gênese” da tradução expressa magnificamente a singularidade do trabalho espinosano por aqui, pois une mãos e mentes de regiões diversas do Brasil, diversas individualidades que se dedicam à produção de um efeito único (a coisa singular na filosofia de Espinosa). Se, a meu ver, é marcante que em 2015 tenhamos publicado uma tradução coletiva da *Ética* (pelo trabalho do Grupo de Estudos Espinosanos e com publicação da Edusp), não é menos notável que agora, em 2021, ainda sob a sombra de desgovernos que fizeram da pandemia um caso de genocídio, saia para o público a versão em português dessa obra magistral de Matheron.

Essa tradução incrementa, certamente, a erudição de nossas faculdades de filosofia em relação à filosofia de Espinosa e à filosofia política da Modernidade, mas esse ganho pouco diz da profundidade envolvida nesse trabalho; o que provavelmente ocorrerá é a mudança de paradigmas interpretativos sobre Espinosa desde a graduação – se antes, ter acesso a essa obra e apreender o enlace fundamental entre ontologia, ética e política era coisa restrita ao doutorado, agora não mais. Trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado (pelo menos em Espinosa) terão acesso a questões antes fincadas em terras de teses de doutoramento ou surgidas via comentários.

Enriquecidíssimo, o trabalho coletivo ao redor da filosofia espinosana segue sem atingir definitivamente seu ápice; fato é que a obra de Matheron nunca nos abandona, e agora ela está mais presente a quem tem o português como primeiro idioma, e o esforço realizado para isso já está sendo acolhido como uma grande demonstração da alegria ativa que faz nossos estudos em filosofia terem sentidos profundos para além do que conquistas individuais podem nos proporcionar.